

## Expulse o leitor do sofá<sup>1</sup>

**João de Mancelos**  
**(Universidade Católica Portuguesa)**

Cada lugar tem a sua atmosfera e transmite ao visitante uma sensação única. Um bom escritor deve captar esse espírito e descrever o local com verosimilhança. A sua missão é expulsar o leitor do sofá e transportá-lo para o espaço da história — seja ele a exótica ilha de Robinson Crusoe, ou o planeta longínquo onde Flash Gordon aterrou.

No romance “Tempos Difíceis”, Charles Dickens descreve Coketown, uma urbe imaginária, parecida a tantas outras na época da Revolução Industrial: “Era uma cidade de tijolo vermelho, ou seria, se o fumo e as cinzas o tivessem consentido: assim, era uma cidade vermelha e preta, como o rosto pintado de um selvagem. Era uma cidade de máquinas e chaminés, das quais saíam sem cessar serpentes intermináveis de fumo, que nunca se desenroscavam. Tinha um canal negro e um rio manchado de roxo por tintas malcheirosas, e pilhas de edifícios cheios de janelas, onde todo o dia havia estremecimentos e onde os êmbolos das máquinas a vapor subiam e desciam, melancolicamente, como a cabeça de um elefante louco”.

Neste parágrafo, o leitor visualiza facilmente uma cidade inglesa do século XIX, e sente que está ali, entre as fábricas e os canais poluídos. Como conseguiu Dickens captar tão bem a atmosfera do lugar? O romancista esquivou-se às três armadilhas em que tantos caem quando redigem uma descrição.

Em primeiro lugar, prescindiu de pormenores inúteis, que dispersariam a atenção do leitor. Poderia ter descrito mil e um aspetos de Coketown; em vez disso, concentrou-se em transmitir um traço único e dominante: a poluição que desfeia a cidade. Para tanto, recorreu a comparações entre o fumo e a serpente, o êmbolo e o elefante; a adjetivos desagradáveis (“malcheirosas”, “negras”, “manchado”); aos verbos que ilustram o movimento monótono das máquinas. É uma técnica eficaz, a que Edgar Allan Poe, o mestre do conto gótico norte-americano, chamou “unidade de efeito”.

Em segundo lugar, Dickens evitou demasiados adjetivos, para não sobrecarregar o estilo. Mark Twain dizia: “Se virem um adjetivo, matem-no”. Na verdade, para quê dizer “o leve vento”, quando podemos escrever “a brisa”? É preciso que as frases respirem, libertas do excesso de palavreado. Vale mais um substantivo bem escolhido, um “mot juste”, do que um rol de atributos.

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “Expulse o leitor do sofá”. *Os meus livros* 100 (jul. 2011): 40.

Por fim, Dickens não retratou Coketown objetivamente, como faria um amador; antes transmitiu algo mais importante: a impressão que os habitantes têm do lugar. Para tanto, usou uma única palavra: “melancolicamente”. Este advérbio exprime o estado de espírito dos pobres operários, que penavam longas horas nas fábricas e, ao mesmo tempo, condiciona a percepção do leitor.

Em suma, quando descrever, evite os pormenores fúteis, o excesso de adjetivos, e a objetividade seca; prefira a atmosfera dominante, a palavra acertada e a sensação que o espaço provoca em nós. Só assim expulsará o leitor do sofá para os espaços onde a imaginação é mais real do que o mundo.